

MIGUELÓPOLIS

No final de outubro, continuando com a saga da pandemia, fizemos mais um périplo turístico pela região da velha Franca do Imperador. Dessa vez, nosso destino foi rumo norte, na direção das Minas Gerais sentido Triângulo. Havia um objetivo inicial: Miguelópolis, e depois seguir para Igarapava, ambas às margens do Rio Grande e da divisa estadual. Miguelópolis tem esse nome porque as terras foram doadas para construir uma capela de São Miguel Arcanjo, quando ainda pertencia a Ituverava, no início do século XX.

No caso de Miguelópolis, um dos chamarizes era conhecer uma das obras do falecido arquiteto francano Zé Luiz Leporace Silva, formado pela FAU USP em 1962 e que teve forte presença na cidade e na região. Descobri, em minhas pesquisas, que havia projetado o Paço Municipal e a Câmara de Miguelópolis no final dos anos 70 e coloquei na minha lista de desejos conhecer ao vivo e a cores. Fizemos a rota mais segura, pela Rodovia Fábio Talarico até a via Anhanguera e por ela até o trevo de Ituverava, saindo à esquerda para Miguelópolis. É uma paisagem monótona, canaviais se sucedem e há poucas elevações, uma grande planície até a cidade.

Miguelópolis tem atualmente pouco mais que 22 mil habitantes. A cidade é uma “mesa”, plana, com malha viária quadriculada, fácil para circular. A bicicleta é bastante usada por conta da topografia. Nos anos recentes, a cidade foi alvo de imensa publicidade negativa: nos últimos vinte anos, três prefeitos foram presos por acusações de corrupção, em 2016 foram presos oito vereadores numa Câmara de onze, durante a Operação “Cartas em Branco” deflagrada pelo Ministério Público por desvios de seis milhões de recursos públicos. Isso fez com que os dois prédios de Zé Luiz aparecessem muito na mídia pelos motivos errados.

Ambos ficam numa grande esplanada, defronte a igreja católica da cidade. São dois prédios com uma bela solução plástica decorrente das estruturas em concreto armado. Em termos de funcionalidade não me pareceu assim. O paço foi organizado sob uma estrutura retangular de concreto que lembra um conjunto de cálices com pilares redondo, repetidos várias vezes. Sob essa cobertura, que permite ventilação total sobre os espaços de trabalho (boa solução para um lugar quente como lá), foram criados blocos de serviço com muitas paredes curvas, o que dificulta a circulação e integração. Circulei pelo prédio todo, tornou-se um labirinto que não sei se é original, pois as plantas do Zé Luiz não foram encontradas. Aliás, quase nada da história local está preservado, pois o museu foi fechado e o histórico de desorganização interna pelos acontecimentos citados ajudou a bagunçar o coreto.

Já a Câmara está em melhor situação. É uma belíssima casca em concreto armado, com vários meio-cones se encontrando no topo do plenário. Também circulei pelo prédio, foi construído um anexo com novas salas de trabalho que até tenta se articular com o desenho original. Na mesma praça, destaca-se o único arranha-céu da cidade, típico exemplar dos anos 80, com um belo desenho cheio de recortes. Do centro cívico fomos conhecer a Praia, parque público às margens do Rio Grande, lugar que atrai forte turismo de baixa renda. É um lugar muito bonito, mas vê-se a falta de um plano diretor para seu desenvolvimento, cada prédio tem uma arquitetura que não conversa com a outra, o mobiliário pobre. Um enorme ginásio de esportes está abandonado ao lado do parque. Dali, fomos conhecer o centro cultural. Apesar de sua

arquitetura não ser atraente, pareceu-me uma solução positiva para cidade desse porte: espaços generosos relativamente bem cuidados em meio a uma grande praça, com um bom teatro, biblioteca, salas de música e dança, enfim, um oásis de cultura na cidade. Finda a visita, voltamos em direção à via Anhanguera, com a pretensão de almoçar no famoso Posto Japão em Igarapava, o último antes de atravessar o Rio Grande e adentrar as Gerais. Fica pra semana que vem.

Mauro Ferreira é arquiteto